



C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS

TOMADA DO FORTE DA FEITORIA FRAN-
— CEZA, JUNTO A CANTÃO.

A gravura que hoje apresentamos, e a do seguinte numero reportam-se ás primeiras acções dos inglezes, quando em Outubro de 1856 se romperam as hostilidades na China, em resultado das quaes Cantão foi occupada pelos alliados, e preso o seu governador Yeh.

Achavam-se as forças inglezas n'aquelles mares, e já tinham destruido alguns fortes junto a Cantão, quando Yeh propoz uma suspensão de armas, para ver se conseguia salvar a cidade, promettendo fazer justiça ás reclamações dos europeus levando-as ao conhecimento do imperador. Sem provocação, portanto, dos alliados, repentinamente romperam fogo os chins sobre as embarcações inglezas, *Barracouta*, e *Coromandel* que estacionavam em frente da feitoria franceza, que os de Cantão tinham improvisado em forte, assim como a dinamarqueza, artilhando-as devidamente. Aquellas embarcações encarregaram-se da empresa não só de fazer calar o forte, como de o tomar, destruindo os juncos que no rio lhe estavam de suporte, o que se levou a effeito, seguindo-se depois a occupação da cidade.

Esta resolução da parte dos alliados foi seguida de bom resultado, porque os chins tremeram de ver tomada a sua capital, e mandaram immediatamente commissarios a concordar com os europeus. A duas exigências d'estes oppozeram aquelles commissarios forte resistencia; vinham a ser, o livre exercicio da religião christã no imperio, e a entrada de agentes diplomaticos em Pekin, no caso de necessidade. Insistindo os alliados n'estas clausulas do tratado, ameaçaram nada concluir, e proseguirem nas hostilidades, se aquellas se lhes não fizessem boas; e finalmente as ultimas noticias, que pela Russia se acabam de transmittir a Inglaterra e França, dizem que um correio, saído a 27 de Julho d'este anno de Tien-Tsin, trouxe ao principe Gortschakoff a noticia de que se concluiu entre a China e a Russia um tratado, identico nas suas bases geraes aos que na mesma data se tinham feito com as outras potencias. Os portos do este imperio são finalmente abertos ao commercio europeu: é concedido o livre exercicio da religião christã; admittido o estabelecimento de consules, assim como a entrada de agentes diplomaticos na capital do imperio. Além d'isto a França e a Inglaterra obtiveram uma indemnisação pecuniaria.

Accrescentam as mesmas noticias que entre os representantes directos do imperador do ce-este imperio, e o governador geral da Siberia oriental se assignou tambem o tratado definitivo para a demarcação das fronteiras russo-chinezas, nas paragens do rio Amor.

Assim parece concluida por agora a guerra com a China, se a doblez d'este povo não acarretar nova peripecia.

OS ULTIMOS ANNOS DO REINADO DE D.
AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

VIII.

Continuação

Não se esqueceram os autores do manifesto de invalidar a legalidade do juramento que se fizera á princeza Isabel como primeira herdeira dos reinos de Castella e de Leão, declarando que o rei o fizera «constrangido de pura necessidade, e justo temor do perdimento e desolação de seus reinos, por dar paz e socego n'elles, e abaixando ás vezes sua pessoa e estado por ello, mais do que a seu real estado pertencia.»

Depois accusando a rainha de Sicilia de faltar ás condições do tratado, exprobra-se ali em energicos termos, o seu casamento com o rei de Sicilia: por ter sido feito sem consentimento de el-rei: «e sabendo bem que el-rei de Sicilia era rei estranho, e não confederado, nem alliado com o dito rei meu senhor, nem amigo seu, antes mais odioso e suspeito a sua pessoa e real estado, e a muitos grandes e a outras pessoas d'estes ditos meus reinos, contra vontade, e mandado do dito rei meu senhor, o fez chamar escondidamente e entrar n'elles, contra a disposição das leis d'elles, que dispõem que as donzellas virgens menores de *idade de vinte e cinco annos, não se casem sem consentimento de seus pae e irmãos maiores e se o fizerem que pelo mesmo feito sejam desherdadas dos bens e herança que lhes pertence, e pode pertencer, e se casou e celebrou matrimonio com o dito rei de Sicilia sendo parentes em grau prohibido.*»

N'outra parte do manifesto procura-se demonstrar a legitimidade do acto que proclamara herdeira presumptiva do throno a princeza D. Joanna. «O que tudo visto e considerado pelo dito rei meu senhor, mandou á dita rainha minha senhora, e mãe, que então estavamos na villa de Buitrago, sob a salvaguarda de D. Diogo Furtado de Mendoza marquez de Santilhana, que nos viessemos para elle á sua côrte, e vindas ao valle de Losoya, onde sua senhoria estava, logo ahi ao mesmo tempo me esposou com o duque de Guienna, irmão de el-rei de França, meu mui caro e amado tio, irmão e alliado, com conselho de muitos grandes e prelados, e procuradores d'estes ditos meus reinos, que ahi estavam juntos em côrtes, e de outras pessoas e lettrados do seu conselho, principalmente do muito reverendo em Christo padre D. Pedro Gonzales de Mendoza, cardeal de Hespanha, e do dito marquez de Santilhana, e dos outros seus irmãos, *que defendiam então a causa da minha filiação e primogenitura* e cuidaram ser justa, legitima e verdadeira, como é, o dito rei meu senhor por descanso de sua consciencia, em presença do cardeal de Alby, e dos

outros embaixadores do dito senhor rei de França, e do duque seu irmão, de seu proprio voto, e certa sciencia, pronunciou e declarou os ditos juramentos, e homenagens feitas á dita rainha de Sicilia serem nenhuns, e os cassou, e annullou, e revogou, em quanto de feito formaram, mandando e declarando, que não deviam ser, nem fossem cumpridos, nem guardados pelos ditos prelados, fidalgos, nem cidades, nem outras pessoas, que os haviam feito, nem por outros alguns subditos e naturaes, e ratificou os ditos juramentos e homenagens a mim primeiro feitas e outorgadas. E para mais segurança de novo me recebeu e intitidou e jurou, e mandou receber, intitular e jurar filha primogenita herdeira d'estes meus reinos e senhora d'elles, para depois de seus dias. E logo ahi em minha presença os ditos cardeal, e marquez de Santilhana, e o duque de Arevalo, conde de Benavente, e duque de Valença e o conde de Miranda, e o conde de Saldanha, e o conde de Tendilha, e o conde de Corunha, e D. João de Mendoza e D. Furtado de Mendoza seus irmãos: e o conde de Ribadeo, e o conde de Santa Maria, e o mordomo André Cabrera, e o Adiantado de Galliza, e o mestre de Santiago e o arcebispo de Sevilha, e o doutor Pero Gonçales de Avila já defuntos, e outros alguns fidalgos que presentes estavam, e os ditos procuradores das cidades e villas, de sua propria e deliberada vontade approvaram e ratificaram os ditos primeiros juramentos e homenagens e fidelidade que haviam feito, e outorgaram de novo na forma sobredita, e declarada publica e solemnemente, prometendo e jurando, que de ahi em diante nunca mais intitulariam a dita rainha de Sicilia por princeza, nem herdeira d'estes ditos reinos, nem por rainha, nem senhora d'elles em nenhum tempo, nem por alguma maneira.»

Os reis de Sicilia são accusados em outra parte do manifesto, não só de haverem tentado apoderar-se da pessoa de Henrique IV, mas de lhe haverem propinado peçonha, por cubiça desordenada de reinar: «e mais ainda depois de tudo passado, os ditos rei e rainha de Sicilia, por ter mais opprimido e abatido ao dito rei meu senhor, sob color que queriam tratar paz, e concordia com elle, e estar muito á sua obediencia e serviço, fazendo-o assim crer ao mordomo André de Cabrera, porque lhe desse largas para isso, no mez de Janeiro do anno que passou 1474, uma noite escondidamente, sem sabedoria, nem vontade do dito rei meu senhor, entraram na nobre e leal cidade de Segovia onde então sua senhoria estava com sua côrte, e tinha seu assento, e casa principal, e seus thesouros, de que não pequenas turvações, e novos movimentos se causaram n'estes ditos meus reinos, dizendo e dando a entender por muitas maneiras, que se assim o não fizesse, sua pessoa estaria em grande perigo, e perderia de todo a cidade de Segovia, e alcaceres d'ella, e os ditos seus thesouros que n'ella ti-

nha. E porque o dito rei meu senhor o não quiz fazer, nem conceder n'isso, trataram e tentaram de se apoderar de sua real pessoa, e de feito o fariam salvo porque o dito mordomo o contradisse e não deu logar a ello. E o peor o mais grave e de maior dôr para mim de ouvir nem descrever: eu tenho sido e sou mui informada e certificada de que os ditos rei e rainha de Sicilia não poderam por aquelles dias attrahir a ello, perposto o temor de Deus, e olvidando o parentesco natural que com elle tinham, e a obediencia que lhe deviam como a seu rei e senhor; em desprezo da lei divina, que manda e prohibe que ninguem ouse tocar em seu rei, porque é unguido de Deus, nem de o pensar em sua mente; por cubiça desordenada de reinar, concordaram e trataram elles, e outros por elles, e se reuniram em palavras e conselho de *lhe fazer dar e lhe foram dadas herbas e peçonha: de que depois falleceu*: o qual fallecimento alguns mensageiros muito seus e a elles fieis, disseram e publicaram em sete ou oito mezes antes que o dito rei meu senhor fallecesse, a alguns cavalleiros em algumas partes d'estes ditos meus reinos: affirmando-lhes e certificando-lhes que morreria antes do dia da Natividade, e que não podia escapar: e ainda o dito rei meu senhor assim o disse, e conheceu em si mesmo: mandando-se curar d'ello: segundo tudo está averiguado, e sabido de taes pessoas phisicos, e por tão violentas presumpções que conduzem a inteira prova, como mais claramente se mostrará, quando convenha.» (*)

Continua

LOPES DE MENDONÇA

MARINHA PORTUGUEZA.

A NAU CHAGAS.

Conclusão

III.

O incendio.

Vinte e oito horas havia que durava o combate, tão desigual como glorioso para a marinha portugueza.

Vinte e quatro tinham sido empregadas pelo inimigo em varejar a nau com a sua artilharia e mosquetaria, aproveitando a vantagem que lhe dava a distribuição dos tres navios pelos pontos por onde mais damno podiam causar — vantagem que só era attenuada pela habil manobra de Francisco de Mello; recebendo os inglezes tanto prejuizo como nos faziam.

As restantes quatro horas foram consumidas

(*) Geronymo Zurita. Anales de Aragon libro XIX. Ano MCCCCLXXV pag. 236—Duarte Nunes de Leão (Chronica e vida d'el-rei D. Alfonso V, cap. II) insere este manifesto, mas supprime toda a parte em que os reis de Sicilia são accusados de haver dado peçonha a Henrique IV.

em inúteis abordagens, quando enfim desenganados se afastaram, renovando o fogo para assim entreterem as horas da tarde, até que a noite cobrisse a sua retirada.

Acções ha no mundo que narradas custam a acreditar, e que para se lhes dar testemunho de fe carecem do depoimento conteste e presenceal de muitos homens. Esta batalha naval entra nos d'essa ordem, e hoje, com razão se poderia duvidar do feito, se d'elle não fôra testemunha toda a população da ilha do Fayal, os poucos bravos que d'ella saíram com vida, e o proprio inimigo que o attestou. Assim ganhou Francisco de Mello tão justa como eterna fama na memoria dos homens, e não menor a tiveram os bravos capitães que o ajudaram n'esta empresa.

A victoria estava ganha: o valor e o numero não poderam aprisionar a nau *Chagas*!... Uma fatalidade, porém, tinha de nos roubar o que aquelles dotes do inimigo não poderam alcançar! Ha sinas tristes, que o homem fatalista registra no seu livro como decretos inviolaveis de um destino cruel.

O navio inglez que sempre se conservara accommettendo a nau pela prôa, afastara-se abrasado em chammas. Infelizmente o fogo communicara-se d'elle á nau *Chagas*, pegando em um coxim do gorupez e ateando-se com tal força e rapidez, que n'um instante se incendiaram as enxarcias, as velas do mastro do traquete, e todo o castello de prôa.

Trabalhavam alguns dos nossos em extinguil-o, em quanto outros continuavam a responder ao fogo do inimigo, trovejando pavorosamente a artilharia, ainda no meio do incendio, e nuvens de fumo!

Mas o incendio lavrava, lavrava sempre! Que anciedade n'este momento supremo! A combustão, alimentada por massas de resina e madeira secca, continuava, com ardor crescente, ao contacto do ar. As chammas serpenteavam com as suas ondulosas corcovas pelos mastros, vergas e cabos, envolvendo tudo n'um feixe de fogo. Aquellas horriveis chammas, desenovelando-se, multiplicavam de ligeireza, e a cada novo objecto que tocavam duplicavam de actividade!

E a artilharia troava!...

Em menos de uma hora a nau *Chagas* estava completamente abrasada. Desde o tope dos mastros até ao nivel da agua não se via mais do que um feixe de fogo; as chammas, com estrepito sinistro, percorriam os cabos como o fogo de santelmo. A mastreação cobria-se de brandões accesos, ao passo que as velas, á imitação de bandeiras de fogo, fluctuavam nos ares, e, impellidas pelo vento, iam cair a longa distancia!

E a artilharia troava!...

Para complemento d'este terrivel drama, a superficie agitada do mar reflectia aquella vasta fornalha; o ruido do incendio só era interrompido pelos gritos dos naufragos, que appareciam e desapareciam por entre massas de

fogo e de fumo, buscando um refugio que não existia!

A artilharia já não troava a bordo da nau *Chagas*!

Os portuguezes, convencidos da inutilidade da defesa, abandonaram as peças, buscando cada um salvar a vida como pudesse, disputada agora pelo fogo, e pelas ondas.

Uns lançavam-se ao mar: os que não sabiam nadar corriam espavoridos de um bordo a outro; alguns arrojavam ás ondas paus e barris a que se pegavam como meio de salvação: mas os inglezes, acudindo em escaleres, desapiedadamente matavam os que alcançavam!... Os vencidos tiravam assim vergonhosa desforra do valor com que se havia defendido a nau!... Digna proesa, de certo, para a posteridade lhes amaldiçoar a memoria!

Já os mastros caíam uns apoz outros no centro d'aquella horrorosa fogueira, quando na amurada da incendiada nau se viu apparecer por entre chammas e fumo dois vultos de anjos. Eram D. Isabel Pereira, e sua filha D. Luiza, que depois de devotamente se atarem uma á outra com um cordão de S. Francisco, se lançaram ao mar, e assim unidos surgiram seus cadaveres na praia do Fayal!

Ao anóitecer se concluiu esta horrorosa tragedia, porque chegando o fogo ao payol da pólvora, a nau rebentou com tremenda explosão; a agua redemoinhou em torno, e abriu-se para tragar nos seus abysmos o resto do casco que foi a pique, perecendo assim submergidos os que estavam ainda agarrados ao costado.....

De toda a guarnição apenas escaparam treze pessoas, que foram recolhidas pelos inglezes, pois que tendo-lhes um grumete, que se debatia com as ondas, mostrado um brilhante, tomando então elles da avidez conselho, e não da humanidade, recolheram a bordo só estes, que eram os que restavam.

Onze d'estes prisioneiros foram lançados no Fayal, e levados para Inglaterra os outros dois, que eram Braz Corrêa, e Nuno Velho; que depois se resgataram por tres mil cruzados, e voltaram á patria, onde receberam as honras e mercês de que tão dignos se haviam mostrado.

Tiveram os inglezes na acção noventa mortos, e cento e cincoenta feridos. Em o numero dos primeiros se contou o capitão Anthony, e no dos segundos se incluiu o general Klèves, que ficou aleijado.

O numero de portuguezes que sustentou tão gloriosa lucta não excedia a setenta. Posto que a nau tivesse a bordo grande numero de escravos, apenas cinco tomaram armas, porque os restantes eram tão boçaes, que nem para pelear serviam.

Exemplos como estes da nau *Chagas* poucas vezes se repetem; mas, por isso mesmo que são raros, mais gloriosos e duradouros são os padrões que a fama ergue á memoria dos que

n'elles tomam parte. Sirvam estes de estímulo á nossa joven marinha, para que se um dia ella se vir em circumstancias de uma defesa como esta, tão brilhante pela quantidade e qualidade de inimigos, deixe de si como estes portuguezes tão bella, como honrada pagina, em a nossa historia.

COINCIDENCIAS NA TAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 6.

Continuação.

Durou 6 horas a batalha de Ourique, e foi ferida faltando 6 dias para se terminar o 6.^o mez do anno de 1139; isto é, 6 meias duzias e mais metade de meia duzia d'annos do seculo XII. Concordam os historiadores que tinha D. Affonso 13 mil homens, ou duas meias duzias de milhares e mais um; ao mesmo tempo que elevam alguns o numero de inimigos a 600 mil. (Metade d'este numero é o calculo mais moderado). Falleceu D. Affonso em Coimbra, aos 6 de Dezembro, 6.^o mez da 2.^a parte do anno de 1185 (8 e 5 fazem 13); tinha 66 annos de idade.

Quando quem tudo emfim vencendo andava
Da larga e muita idade foi vencido.

D. Beatriz trouxe em dote a D. Affonso 3.^o a 6.^a provincia do reino, o Algarve, de que se apossara anteriormente o rei de Castella, protector de Aben Afan a quem o mesmo Affonso fez guerra estando senhor do Algarve. Reservou o rei de Castella para si sómente Silves.

D. Fernando, 9.^o rei de Portugal (6 e 3), quando mandou ajustar seu casamento com D. Leonor, filha do rei de Aragão, mandou juntamente 3 vezes 600 marcos de oiro para se amoedarem e servirem na guerra, que estava para se emprehender. Esquipou pela mesma occasião 6 galés que comboiassem a que havia de conduzir a princeza; e era uma nave toda doirada, enxarçada de seda, e com velas do mesmo teor, indo com a armada ter a Barcelona.

Sendo regente de Portugal o mestre d'Aviz, por morte de D. Fernando, como não quizessem os portuguezes unir-se com Castella, teve o rei d'esta de recorrer ás armas, e chegou a pôr cerco a Lisboa. Mas por motivo d'uma peste, e dos reforços que trazia á cidade o condestavel d'Evoira, viu-se o castelhano obrigado a retirar-se, e procurando traição, mandou propor ao conde de Transtamara para que matasse o regente. Aceitou-lhe elle o convite, e escolheu entre outros companheiros que o ajudassem, João Du-

(*) Do n.º 21.

que, governador de Torres Vedras. Porém sendo descoberta a trama, por alguns conjurados que se arrependeram e vieram communicar a ao regente, fugiram outros, e só um d'elles. Garcia Valdez, foi queimado vivo. Para se vingar d'este castigo, mandou João Duque cortar o nariz e as mãos a 6 portuguezes, que assim mutilados foram remettidos ao mestre d'Aviz. Esta crueldade esteve a ponto de ter outra igual por despique, e tel-a-hia se não fôra o melhor accordo do regente, de vencer em si toda a paixão de vingança: acção, na verdade, formosissima, na vida de D. João I.

Seis factos se seguiram á batalha de Aljubarrota pela qual ficou seguro o throno de D. João I. Fez conde de Ourem ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira; solemnizou em Lisboa suas nupcias com D. Filippa, filha mais velha do duque de Lencastre; fez treguas com o rei de Castella, que foram prorogadas de tres annos a quinze pela morte d'este rei; revogou, aconselhado por João das Regras, algumas grandes doações que tinha feito (tal como a do condestavel que n'esta occasião como sempre se portou sem exemplo); fez outras treguas depois de novamente ateadada a guerra, e ter sido D. Diniz aclamado e ter desistido; finalmente, morto o rei de Castella são convertidas pela rainha, tutora do filho, as treguas em pazes.

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra etc.

Aqui se refere o caso dos 12 d'Inglaterra, duas vezes 6 portuguezes fortes, que foram despicar na côrte do duque de Alencastre a honra de outras tantas damas inglezas, contra a ousadia de igual numero de cavalleiros seus, pouco cortezes, que pretendiam lesar-lhes aleivosamente a fama.

Depois de D. João I passemos 2 reis, e mais o 2.^o João para chegarmos a D. Manuel, pae de D. João III, que nasceu em 1502, aos 6 de Junho, com uma tempestade horrivel: o que foi causa de uma romaria que D. Manuel fez a Santiago de Compostella. Pegou tambem fogo no paço no dia em que baptisaram a D. João III.

Por alvará de 6 de Julho de 1524 ordenou D. João III que se trocasse a formula — Nós el-rei mandamos — por — Eu el-rei mando, faça saber etc.

Continua.

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ,
DUQUEZA DE SABOYA.

Continuação.

Dois atanores de prata doirados, em partes la-

(*) Do n.º 35.

vrados pelos bojos de letras moiriscas, com suas coberturas, e com a divisa de Siques. Pesaram, a saber, um d'elles vinte e dois marcos, seis onças, e seis oitavas, e outro vinte e tres marcos e quatro oitavas.

Dois picheis de prata, grandes, lavrados em partes de sinzel baixo, doirados nos labores. Tem por charneiras duas bichas, e pesam, a saber, um d'elles dezoito marcos, uma onça, e sete oitavas, e o outro dezoito marcos, e duas oitavas, e os esmaltes, que se lhe pozeram de armas de Portugal e Saboya uma onça.

Dois cantaros de prata brancos, com suas tapadoiras presas por cadêas, pesam, saber, um d'elles vinte e um marcos, seis onças, e cinco oitavas, e o outro vinte e um marcos, uma onça, e uma oitava.

Dois barris de prata, feição de frascos, brancos, com umas espheras nos bojos de cada parte com obra romana de redor d'ellas, doirado n'ellas: tem as azas de bichas com suas tapadoiras, e cadeinhas brancas, os quaes pesaram ambos vinte e oito marcos, e uma onça.

Uma taça de prata, doirada de dentro, e de fora lavrada de bastiães e folhagem com seus escudos chãos, sem armas, lisos, e no meio tem um rosto de homem feito de sinzel, a qual pesou dois marcos, e tres oitavas.

Um pratel de prata, de levar pucaro, doirado de dentro e de fora, de pé, e tem o pé aberto de cima, e tem a borda e fundo doirado, de bastiães com a divisa das maravilhas: pesa tres marcos, seis onças, e tres oitavas.

Uma cafeteira de prata, alta, toda doirada, com uma maçã no meio do cano aberta de maganaria, com esmaltes azues e verdes dentro, e tem no meio do dito cano embaixo oito caens, e em cima o esmalte das armas de Portugal, e Castella: pesou dezoito marcos, uma onça, e cinco oitavas.

Outra cafeteira de prata, doirada de fora pela borda, e lavrada pelo meio de romano; pesou tres marcos, seis onças, e sete oitavas e meia.

Outra cafeteira mais pequena, doirada de fora, em partes lavrada pelo meio de sinzel; pesou tres marcos, e quatro oitavas.

Duas maçãs de porteiros da camara, de prata todas doiradas, que tem cada uma dois florões, e cada florão uma serpe com dois esmaltes em cada uma, um na cabeça, e outro no pé das armas da senhora duqueza infante, as quaes pesaram, uma dezesete marcos, seis onças, e quatro oitavas, e a outra dezoito marcos e duas oitavas; isto sem o pau e verga de cobre.

Dois barris de prata, grandes, doirados, todos lavrados de bastiães, ambos d'uma sorte e feição, e tem cada um nos bojos as sete virtudes d'uma parte, e da outra os sete peccados mortaes, e tem por azas duas serpes cada um, com duas cadêas, uma grande nas azas, e outra pequena nas tapadoiras, e tem mais cada

um a divisa da esphera d'uma parte, e da outra as armas de Portugal: pesaram, um vinte e um marcos, e sete onças, e o outro vinte e um marcos, e tres onças.

Um barnagal de prata, doirado de dentro e de fora, lavrado de romano pelo bojo, e no fundo tem um cão aberto, esmaltado com uma rosinha, e pela borda e ao redor tem umas letras perdidas, o qual pesa seis marcos, quatro onças, e duas oitavas e meia, e é de quatro azas.

Outro barnagal de prata, todo doirado de dentro e de fora, d'uma só aza, e o bico quadrado, lavrado no fundo de flores de liz com um esmalte d'armas de Portugal e Saboya: pesa quatro marcos, e cinco onças.

Quatro albarradas de prata, doiradas todas, lavradas de bastiães e folhagem com suas coberturas do mesmo teor, e tem pelas rodas umas rosas posiças com pinhões e suas coronetas; pesaram todas quatro trinta e tres marcos, sete onças, e seis oitavas.

Duas albarradas jagladas de prata, com suas coberturas, com os altos lavrados de sinzel alto, e doirados, e os baixos branco gamoxados com seus pinhões; pesaram ambas treze marcos, e sete onças.

Um saleiro de prata posto sobre uma rocha, que tem no meio uma torre, e quatro cubellos ao redor d'ella, com quatro leões entre os cubellos, cada um com seu escudo doirado todo: pesa dez marcos, tres onças, e duas oitavas.

Outro saleiro grande de pé, doirado de dentro e de fora, lavrado de folhagem e romano de meio relevo entre meios compassos; tem por pinhão uma jarrinha romana entre quatro bichas, o qual pesa onze marcos, tres onças, e tres oitavas.

Um especieiro de prata, todo doirado, e tem quatro cubellos no meio, um maior, e ao redor d'elle tres pequenos, e seis torreõesinhos entre elles, e pelo pé em roda um cordão torcido, que vae em vão em partes, todo lavrado de romano de meio relevo; pesa oito marcos, tres onças, e quatro oitavas.

Um bacio de prata, doirado de dentro e de fora, feição de bacio de cosinha chão, liso, que pesou dez marcos.

Doze pratos de servir pequenos, de prata, doirados, que pesaram vinte e quatro marcos.

Quatro escudelas redondas de prata, do mesmo teor, todas doiradas, que pesaram oito marcos, duas onças, e uma oitava.

Umas taboas de cavalgar de prata, doiradas todas, lavradas nos corpos de bastiães, d'ambas as partes, e nos paus de troços encadeados; pesaram de prata somente, sem os paus, e sem as bisagras que tem de ferro doiradas, vinte marcos, duas onças, e tres oitavas e meia.

Outras taboas de cavalgar de prata, brancas, lavradas de sinzel baixo pelo meio de ambas as partes, e os canos de favos, pesaram de prata doze marcos, tres onças, e quatro oitavas e meia.

Um brazeiro de prata branco, quadrado de

quatro partes, e quatro azas, lavrado nas quatro faces de fora de bastiões de romano, e as azas de bichas, e tem dentro, no meio, uma esphera lavrada de sinzel: pesa trinta e nove marcos.

Outro brazeiro pequeno de prata, sextavado, de seis pés, e em cada um uma aza de romano, e tem no fundo um R; pesa dez marcos, seis onças, e quatro oitavas e meia.

Outro brazeiro de prata chão, mais pequeno, com seis esteios ao redor, que servem de pés, e em dois d'elles duas azas por que se toma, o qual pesa cinco marcos, sete onças, e duas oitavas e meia.

Um esquentador de prata branco, para a cama, lavrado de folhagem romana, e o cabo de lavor de marchetes, o qual pesa dez marcos, sete onças, e uma oitava.

Uma bacia de prata grande, lisa, de lavar pés, com duas azas, a qual pesa quarenta e um marcos, e duas onças.

Duas bacias de lavar cabeça, redondas, de prata, brancas, que pesam ambas vinte e quatro marcos, duas onças, e uma oitava.

Outras duas bacias de prata mais pequenas, brancas, lisas, que pesam ambas sete marcos, sete onças, e uma oitava e meia.

Dois castiças de prata, grandes, para tochas, lavrados de bulhões, e os canos com esteios ou pilares, um d'elles tem na borda de dentro um A talhado, o qual pesa quarenta e um marcos, e seis oitavas; e o outro tem assim mesmo de dentro em uma borda um B talhado: pesa trinta e nove marcos, sete onças, e duas oitavas.

Quatro castiças de prata, brancas, de velas, lisas, com seus canos e debrúns n'elles, os quaes ambos pesaram vinte e tres marcos, quatro onças, e cinco oitavas.

Outros quatro castiças, de cantos oitavados, de prata, brancos, meãos, que pesaram juntamente quinze marcos, cinco onças, e duas oitavas.

Dois castiças de prata, brancas, para velas, lavrados de bulhões, com tres verdugos em cada cano: pesaram, saber, um d'elles quatro marcos, seis onças, e uma oitava e meia; o outro cinco marcos, uma onça, e cinco oitavas.

Outros dois castiças de prata para velas, doirados todos, e lavrados de meias cannas, que pesaram ambos dois marcos, cinco onças, e quatro oitavas.

Quatro castiças de prata, brancas, para pivetes, pequeninos, oitavados, e ao pé dos canos senhas capelas; pesaram juntamente um marco e seis onças.

Quatro pivetes de prata, brancos, feição de torreões, com seis esteios, e de fora d'estes outros seis pequenos sobre si, lavrados de maçonaria, abertos, e onde serram em cima fazem tres cabeças, furadas pelos olhos, e no meio d'elles uma azinha em que está uma cadêa por que se penduram com um cambo, e no meio dos pés, de dentro, tem seus canos para os pivetes: pesam juntamente todos quatro, quatro marcos, tres onças, e tres oitavas.

Um castiçal de palmatoria, de prata, branco, que pesou tres onças, e meia oitava.

Duas tesouras de espivitar, de prata, com umas ameias, e nos cabos umas bolotas chãs com duas rosinhas cada uma nos eixos: pesaram ambas um marco, quatro onças, e duas oitavas.

Dezoito bacios de prata, brancos, de azinhas, que pesaram juntamente cento e vinte marcos, cinco onças, e uma oitava.

Oitenta pratos pequenos de servir, de prata, brancos, que pesaram juntamente cento e noventa e oito marcos, sete onças, e seis oitavas.

Vinte escudelas de prata, redondas, com duas dozelhas, que entram no conto, todas brancas, que pesam juntamente quarenta e nove marcos, seis onças, e uma oitava.

Duas almofias de prata, brancas, em quatro peças lavradas em partes de sinzel baixo com uns cordões pelas bordas; pesaram todas dez marcos, cinco onças, e sete oitavas.

Dez salvinhas de prata, brancas, chãs, que pesaram juntamente quatorze marcos, e tres oitavas.

Dois garfos de prata, grandes, com tres nós cada um nas hastes, e duas cabeças de serpe, de que são as pontas: pesaram ambos tres marcos, e tres oitavas e meia.

Doze garfos de prata pequenos, com tres nós cada um nas hastes; pesaram juntamente um marco, cinco onças, e quatro oitavas.

Vinte e quatro colheres de prata, com seus bocados lisos, e tres nós nas hastes cada uma; pesaram juntamente cinco marcos, sete onças, e sete oitavas.

Doze colheres de prata lisas, chãs, que pesaram juntamente dois marcos, sete onças, e cinco oitavas.

Uma tijela de fogo de prata, d'orelhas, branca, lisa, lavradas as orelhas de sinzel: pesa oito marcos, duas onças, e duas oitavas.

Dois frascos de prata, meãos, brancos, lisos, com suas azas, e cadêas n'ellas, e nas tapadoiras outras cadêas mais pequenas, e as azas são duas lagartixas: pesaram ambos nove marcos, e tres oitavas.

Uma escumadeira de prata com hastea oitavada, e dois nós n'ella, um no meio, e outro no cabo, e a salvinha sae na bocca de serpe: pesou dois marcos, e cinco oitavas e meia.

Quatro oveiros de prata, brancos, lavrados de romano com as cabeças lisas, e pinhões nas tapadoiras, feição de jarrinhas romanas: pesaram juntamente tres marcos, quatro onças, e seis oitavas.

Mais quatro salseirinhas de prata, redondas, que pesaram juntamente cinco marcos, seis onças, e sete oitavas.

Quatro escudelinhas de prata, de orelhas lavradas n'ellas de sinzel baixo: pesaram juntamente um marco, tres onças, e cinco oitavas e meia.

Uma guarnição d'abano, de prata anillada.

posta em um pau preto com sua argola e seu tafetá carmesim d'um covado e meio; pesou a prata uma onça, e sete oitavas.

Dois abanos guarnecidos de prata, as pontas somente, em paus pretos com nós de marfim, em seus tafetás carmesins; pesou a prata uma onça, e duas oitavas.

Duas guarnições de prata d'abanos, cada uma de duas peças, a saber, umas com argolas, paus, e tafetás, e outras dos cabos lavradas de romano com tres esteios cada peça; pesaram juntamente um marco, e seis oitavas.

Mais que se deu para serviço das damas um bacio d'agua ás mãos de prata, branco, lavrado de romano de sinzel baixo pela borda e fundo, sem esmalte, pesou seis marcos, duas onças, e quatro oitavas e meia.

Um jarro de prata, branco, do mesmo teor lavrado, que pesou tres marcos, e tres oitavas e meia.

Um saleiro de duas peças, de prata, branco, redondo, lavrado do mesmo teor: pesou um marco, quatro onças, e uma oitava.

Duas caçoulas de orelhas, de prata, brancas, lavradas nas orelhas de sinzel; pesam ambas dois marcos, e seis oitavas.

Duas caçoulas de prata, brancas, com cabos de tres vergas, feição de tochas, por que se tomam com dois botões cada um; pesam ambas um marco, seis onças, e duas oitavas e meia.

Quatro caçoulas de prata, brancas, chãs, sem azas, com duas cabeças de lizes cada uma, furadas; pesam todas quatro juntamente tres marcos, uma onça, e duas oitavas.

Um perfumador de prata, branco, feição de torre com quatro cubellos por pés, e um cabo por que se toma; pesa dois marcos, e duas onças.

Um açafate de prata, branco, feito como de verga, que pesa quatro marcos, seis onças, e quatro oitavas.

Um relógio de prata, branco, de seis hasteas, e tem em cima e em baixo a divisa das maravilhas, lavrado de sinzel baixo, sobreposto com um nó no meio, também de prata; pesou sem o vidro, e sem a area, que tem, tres marcos, tres onças, e seis oitavas.

Um escalfador de prata, branco, lavrado por parte de sinzel baixo, com sua cobertura em uma cadêa porque está presa, e uma lagartixa que está entre duas outras em que a aza está posta: pesa juntamente dez marcos, uma onça, e meia oitava.

Duas taboas de impressar, cobertas de setim azul, guarnecidas de prata branca, com quatro estulas abertas, e quatro cambos cada uma; pesa a prata um marco, uma onça, e uma oitava e meia.

Um piviteiro de prata, branco, pequenino, e em cima da tapadoira uma rosa de que sae uma jarrinha romana, o qual pesa duas onças, e duas oitavas e meia.

Continua.

DESAFOGO.

Santo Deus que vida a minha!
Sempre angustia e sempre dôr!...
Nem um dia de alegria,
Nem d'uma esperança a flor.

Que fiz eu? Que tenho eu feito,
Para ser tão desgraçado?
Aos tormentos e aos desgostos,
Desde a infancia fui votado.

Deus, oh! Deus que tenho eu feito?
Porque vem tanto martyrio
Tornar-me um peso a existencia
E a razão tornar delirio?

Se o mundo se curva humilde
Da riqueza ante o altar!...
Tem respeitos quem tem oiro
Para a torpeza occultar.

Quem perdido morre á fome,
Embora honrado e leal,
Tem só despresos do mundo...
Que justiça tão equal!

Oh! quizerá ter dinheiro,
Para com elle inda um dia
Muita victima vingar
Da doirada hypoerisia!...

Se eu pudesse... Ai! louco intento,
Sonho vão... Porque o martyrio
Torna-me um peso a existencia,
E a razão torna em delirio!

MENDES LEAL (ANTONIO).

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos
Os dissipadores, por Alfredo Hogan. — Preço
400 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguém
julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan —
preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros.
STAMBUL, original de Aristides Abranches — pre-
ço 300 réis.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Vir-
gilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se — **29**, ou *Honra e Gloria*, comedia
drama de costumes militares em tres actos e qua-
tro quadros, offerecida e dedicada a Sua Magesta-
de El-Rei o Senhor D. Pedro v, por José Ro-
mano. — Preço 360 réis.